

ARCOS DE VALDEVEZ (Monte Redondo)

Monte Redondo é uma freguesia do concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo e a igreja de São Bartolomeu dista cerca de 5 km da sede de concelho. Sair dos Arcos de Valdevez pela rua Padre Manuel Himalaia. Virar à esquerda e continuar pela estrada EM1306. Andar cerca de 3 km e virar para a rua de Reguengo e depois à direita. A igreja localiza-se cerca de 1 km à frente.

A sua localização é rural, isolada, pontuada por algumas habitações rurais e rodeada de terrenos de cultivo.

A Ordem de São João do Hospital, mais tarde Ordem de Malta, deteve na freguesia numerosos bens, pertencentes à comenda de Távora. Ainda hoje o brasão de armas da freguesia de Monte Redondo ostenta a cruz de Malta. Foi uma abadia da apresentação dos viscondes de Vila Nova de Cerveira.

Igreja de São Martinho / São Bartolomeu

A IGREJA DE MONTE REDONDO foi edificada provavelmente em finais do século XII, inícios da centúria seguinte.

No rol das igrejas de que o rei é padroeiro nos bispados do Porto, Lamego, Tui, Coimbra e Lisboa, e no arcebispado de Braga, redigido em 1220, a igreja de Monte

Redondo é citada como pertencente às igrejas de Valdevez, no bispado de Tui. Em 1258, nas Inquirições Gerais do Reino, ordenadas por D. Afonso III, o orago da freguesia de Monte Redondo é São Martinho. Os inquiridos declararam que o rei não era o patrono da igreja. Disseram ainda *que os desta collatione seen in herdades do Temple et do*



Alçado oeste



Alçado norte.
Cachorros da nave

Espital et de cavaleiros, et am suas herdades de patrimonio et non fazem delas foro al rey porque as trivudaron cum no Tenple et cum no Espital et cum cavaleiros. Trata-se de uma freguesia marcada pela presença das Ordens Militares do Templo e do Hospital, implantadas no reino desde o século XII. Segundo Matos Reis, nesta freguesia, apenas um casal satisfazia as suas obrigações para com o tesouro régio; os restantes moradores viviam em herdades pertencentes às referidas Ordens Militares e a proprietários nobres, ou tornaram-se tributários das Ordens para se escusarem das suas obrigações ao fisco.

Em 6 de novembro de 1263, D. João bispo de Tui, apresenta Fernando Peres para pároco da igreja de São Martinho de Monte Redondo.

No Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do Reino, mandado elaborar por D. Dinis em 1320, a igreja de São Bartolomeu de Monte Redondo não aparece taxada, mas é referida uma igreja de São Martinho de Monte Redondo, e estava incluída nas igrejas da Terra de Távora, bispado de Tui. A referida igreja de São Martinho contribuía com 70 libras, o valor mais elevado das seis igrejas da Terra de Távora, a par com a de Santa Maria de Távora.

O valor mais baixo era pago pela igreja de São Vicente de Távora, taxada em 30 libras.

Podemos estar perante um raro caso de mudança de orago na igreja de Monte Redondo. Porém, a total ausência de documentação não nos permite esclarecer esta situação. Não obstante, António Matos Reis afirma, num estudo sobre o julgado de Valdevez, que houve de facto mudança de orago, mas sem apresentar fontes que o corroborem nem indicando quando ocorreu tal mudança. Segundo este autor, a mudança de orago sucedeu não apenas na freguesia de Monte Redondo, que de São Martinho passou a São Bartolomeu, mas também na de Senharei, que mudou de São Cipriano para São Mamede.

Em 31 de julho de 1357, Álvaro Sugério solicita ao pontífice o benefício eclesiástico da canonicato e prebenda do Porto para o clérigo Fernando Peres, pároco da igreja de São Martinho de Monte Redondo.

Em 1444, com a separação da comarca eclesiástica de Valença do bispado de Tui, a dita igreja de Monte Redondo foi integrada no bispado de Ceuta. Em 1513, o papa Leão X aprova a permuta que D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, fizera com o bispo de Ceuta, tendo-lhe



Inscrições no pano murário da nave e da capela-mor. Lado norte



Pia batismal

entregado a comarca eclesiástica de Olivença recebendo a de Valença do Minho.

A 7 de junho de 1520, a igreja foi doada a D. Francisco de Lima, visconde de Vila Nova de Cerveira, e a seus sucessores, e confirmada por D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga.

No início do século XVIII, o Padre Carvalho da Costa afirmava que São Bartolomeu de Monte Redondo era abadia dos viscondes de Vila Nova de Cerveira, rendia 200 000 réis e tinha 100 vizinhos. Isto é-nos confirmado nas Memórias Paroquiais, tendo o pároco, em 1758, uma renda de 350 000 réis. A igreja de São Bartolomeu tinha então quatro altares e quatro confrarias. Na freguesia havia, então, cinco ermidas.

A igreja de Monte Redondo foi edificada provavelmente em finais do século XII, inícios do XIII, e integra-se no românico da Ribeira Lima. De antiga fábrica românica, sofreu diversas remodelações nas épocas moderna e contemporânea.

O templo desenvolve-se em planta longitudinal de nave única e capela-mor retangular, com torre sineira e capela lateral adossadas a sul. As coberturas são em telha de duas águas e o material empregue na arquitetura é o granito enformando aparelho pseudo-isódomo, com exceção da capela lateral, usada como sacristia, que se encontra caiada.

Com efeito, as marcas remanescentes mais evidentes da fábrica românica encontram-se nos cachorros de ambos os lados da nave e em pequenos apontamentos do pano murário da igreja.

Na parede norte da nave, de realçar a existência de silhares com inscrições. Contam-se dois silhares onde se inscrevem marcas de canteiro desenhando espirais, uma localizada na parede da nave e outra já junto da capela-mor. Num outro silhar encontramos uma cruz patada, modelo muito comum ao românico e adotado no desenho das cruzes de sagração. Focando-nos na cornija desta parede norte, esta é suportada por uma linha de cachorros geométricos, onde



Alçado oeste. Estátua de São Bartolomeu e aduela românica

se destacam as formas circulares múltiplas, cilíndricas e cruciformes. Exemplo da reutilização de formas em templos românicos contemporâneos e próximos entre si, atente-se, por exemplo, nos cachorros com motivos cruciformes desta parede, semelhantes em quase tudo ao que encontramos num do alçado norte da nave da igreja de São Salvador de Sabadim, pertencente ao mesmo concelho. De referir ainda a existência de um cachorro que apesar do desgaste poderá ter tido uma representação antropomórfica.

Voltada a sul, a parede da nave apresenta também uma série de cachorros com motivos geométricos. Num deles, onde se esculpe uma composição que se aproxima de espinha incisa, vemos a mesma solução decorativa presente na matriz de Valença, num cachorro da parede sul da nave. Esta escolha decorativa está mais próxima de uma decoração vegetalista do que geométrica, indo ao encontro do tratamento estilizado dado às folhagens e sobre o qual Lúcia Rosas já escreveu, nomeadamente no que toca à escultura românica do Alto Minho. No encontro da parede da nave com a da capela-mor, é possível verificar ainda a existência de um cachorro com cabeça humana, numa expressão que se assemelha a um grito ou gargalhada. Pelo tratamento dado à face, estilizada e quase esquelética, e à boca com uma abertura algo anormal, esta composição resulta em algo macabro e até assustador. Poderíamos questionar o seu significado simbólico. Contudo, a plástica adotada faz-nos questionar se não estamos diante de um cachorro que resulta de um arranjo posterior à época românica.

Na fachada oeste é possível encontrar outros apontamentos de interesse. Junto do nicho com estátua de São Bartolomeu está uma peça deslocada, possivelmente primitiva e com aspeto de uma aduela. Também o portal axial deixa ver a memória passada do templo, através da cicatriz no pano murário que permite distinguir os contornos do portal primitivo, um portal de arco de volta perfeita. O mesmo acontece com o janelão que o encima e que também apresenta uma cicatriz na pedra que a rodeia, indicando um vão de iluminação preexistente.

Importa ainda aludir à existência de uma pia batismal colocada na fachada oeste, do lado direito do observador, muito provavelmente deslocada do interior do espaço aquando das obras de remodelação, em meados do século XX.

Atualmente, esta igreja é paroquial, é propriedade da Igreja Católica e está em bom estado de conservação.

Texto: JL/SVS - Fotos: SVS/MLB

Bibliografia

ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 115; BOISSELLIER, S., 2012, p. 162; ANTT, *Leitura Nova, Padroados*, liv. 2, fl. 39v-40v; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 232; GEPIB, 1935-60, 17, p. 709; MEM. PAROQ. 1758 (2005), pp. 61-62; PMH, INQ., p. 391 (de 1258); REIS, A.M., 1986, pp. 5, 11; ROSAS, L.M.C., 1987, p. 61; SIPA; VMD, I, doc. n.º 52 (de 1263, novembro, 06) e II, doc. n.º A3 (de 1357, julho, 31).